

A CONCEPÇÃO DE ADOLESCÊNCIA SEGUNDO OS PRÓPRIOS ADOLESCENTES

Solange Franci Raimundo Yaegashi¹
Melyssa Moreira Gualda²
Rosana Maria Monteiro Campigotto³

RESUMO: Esta pesquisa teve por objetivo investigar como os próprios adolescentes se percebem enquanto alunos. A identidade é construída em um processo de aprendizagem, o que implica em amadurecimento da capacidade de integrar o passado, presente e futuro. Sendo assim, é vivenciada como uma ação: é o indivíduo que constrói a sua consistência e seu reconhecimento, no interior dos limites postos pelo ambiente e pelas relações sociais. O estudo da representação social do adolescente justifica-se na medida em que o aluno tende a se relacionar com outros membros da escola. Importa identificar as representações sociais assumidas de modo pouco consciente pelos alunos, pois se trata de um fator de importância no trabalho do psicólogo escolar, contribuindo para a melhoria da qualidade ensino. A pesquisa foi desenvolvida em dois momentos. No primeiro, foi realizada uma pesquisa bibliográfica sobre o tema em questão. No segundo, de natureza empírica, foram entrevistados 20 adolescentes de ambos os sexos, matriculados no 1º, 2º e 3º ano do ensino médio em duas escolas, sendo uma de rede pública e outra de rede privada, da cidade de Mandaguari – PR. A análise dos dados teve um caráter qualitativo, trabalhando-se com seis categorias: 1) concepção de adolescência; 2) dificuldades do adolescente; 3) preocupação do adolescente; 4) influência dos amigos; 5) influência da família; 6) importância da escola. Chegou-se à conclusão que a adolescência é uma fase do desenvolvimento humano onde muita mudança física, social e psicológica acontece, influenciando assim, os comportamentos dos jovens. Por estarem vivendo a mesma experiência, estes se unem, acatando os valores uns dos outros como sendo mais importantes que os valores transmitidos pela família. Contudo, para a formação de sua identidade, os jovens também buscam como referencial os valores transmitidos pelos professores, familiares e pela mídia.

PALAVRAS-CHAVE: adolescência; identidade; desenvolvimento.

THE CONCEPTION OF ADOLESCENCE ACCORDING TO THE STUDENTS THEMSELVES

ABSTRACT: *This research had the objective of investigating how teenagers perceive themselves as students. The identity is built on a learning process that implies the maturing of their capacity of integrating the present, the past and the future, which can be seen as an action; it is the individual that builds his consistency and his recognition within the limits imposed by the environment and by the social relationships. The study of the adolescent's social representation is justified by the fact that the student tends to relate to other members of the school. Therefore, to identify the little consistent social representations assumed by students becomes paramount in school's psychological work, contributing to the improvement of education quality. The research was developed in two moments. In a first moment, a bibliographical research on the subject was carried out. Then, 20 adolescents of both sexes enrolled in the 1st, 2nd and 3rd years of high school from two different schools, one public and one private in the city of Mandaguari – PR were interviewed. The analysis of the data had a qualitative characteristic, subdivided into six categories: 1) the conception of adolescence; 2) difficulties of the adolescent; 3) concerns of the adolescent; 4) the influence of the friends; 5) the influence of the family; 6) the importance of the school. It has been concluded that adolescence represents a period of the human development in which great physical, social and psychological changes take place impacting on the adolescents' behavior. Because they are living the same experience they stick together abiding to each other values, being more important than the family's ones. However, for the construction of their identity, the adolescent also look up to teachers, relatives and the media for reference.*

KEY-WORDS: *Adolescence; identity; development.*

¹ Doutora, Orientadora da Pesquisa. Docente do Curso de Psicologia do Centro Universitário de Maringá e do Mestrado em Educação da UEM.

² Acadêmica do Curso de Psicologia do Cesumar - Centro Universitário de Maringá.

³ Acadêmica do Curso de Psicologia do Cesumar - Centro Universitário de Maringá.

Introdução

A adolescência tem sido hoje um assunto que tem causado de inúmeras discussões. Muitos pesquisadores têm estudado sobre essa fase da vida do ser humano, na tentativa de entender um pouco mais sobre esse período tão conturbado, segundo a concepção de pais e professores. Mesmo entre os profissionais da Psicologia existe certa controvérsia a respeito dos problemas da adolescência.

Nesse sentido, pretende-se, neste estudo, fazer um levantamento histórico sobre a adolescência, tendo por base autores contemporâneos que tratam do assunto, bem como investigar o que os próprios adolescentes pensam sobre a adolescência.

I - A Adolescência na Contemporaneidade

Segundo ARIËS (apud SALLES, 1998), não havia uma posição em que pudesse ser identificado o período referente à adolescência; até o século XVIII foi confundida com a infância a qual, por sua vez, tinha uma longa duração. A idéia de infância estava ligada à idéia de dependência, havendo indiferença diante dos fenômenos biológicos, pois não se cogitava delimitar a infância pela puberdade.

De acordo com ARIËS (apud SALLES, 1998), até o Renascimento, a adolescência não era distinguida como uma etapa do desenvolvimento do ser humano. Só no século XIX e no início do século XX, com a distinção entre a criança e o adulto, a adolescência começou a ser percebida como período à parte no desenvolvimento humano.

SALLES (1998) enfatiza que a adolescência, hoje, tem características específicas, de acordo com o nível socioeconômico em que o jovem está inserido e isto acaba determinando formas diferentes de ser adolescente. O contexto social define o modo de ser adolescente, assim como sua conduta, aspirações e responsabilidades.

"As pesquisas, teorias e idéias veiculadas pelos meios de comunicação impõem um estilo de vida, um modo de vestir e calçar que se generaliza por toda a sociedade e contribui para criar a ótica pela qual a sociedade vê, compreende e se relaciona com o adolescente, acabando, provavelmente, por influenciar a forma como é elaborada a representação social da adolescência e do adolescente" (SALLES, 1998, p.43).

Segundo a autora, a primeira idéia que se tem de um adolescente, geralmente, é associada a pessoas de determinada faixa etária, uniformizadas, no uso característico de *jeans*, tênis, *walkman* e rádios, que adoram aventuras, namorar, dançar e ouvir música, freqüentadores

de *shopping center* e em busca de independência.

"A ótica pela qual a sociedade vê, compreende e se relaciona com o adolescente é muitas vezes fruto das idéias disseminadas pelos meios de comunicação, pelas pesquisas e teorias que abordam essa faixa etária. Difundidas socialmente, tais idéias contribuem para criar a forma como é elaborada a representação social da adolescência" (SALLES, 1998, p. 15).

De acordo com CALLIGARIS (2000), existem mitos sobre a adolescência, os quais acabam por afetar os pais, os professores e os próprios adolescentes.

"Nossos adolescentes amam, estudam, brigam, trabalham. Batalham com seus corpos, que se esticam e se transformam. Lidam com as dificuldades de crescer no quadro complicado da família moderna. Como se diz hoje, eles se procuram e eventualmente se acham. Mas, além disso, eles precisam lutar com a adolescência, que é uma criatura um pouco monstruosa, sustentada pela imaginação de todos, adolescentes e pais. Um mito inventado no começo do século 20, que vingou sobretudo depois da Segunda Guerra Mundial (CALLIGARIS, 2000, p.8-9).

De acordo com o autor, a adolescência é uma das formações culturais mais poderosas de nossa época. Dentre as características que melhor definem a adolescência, CALLIGARIS (2000) cita as seguintes:

- 1- Adolescência como moratória (tempo de suspensão entre a chegada à maturação do seu corpo e a autorização para ser adulto).
- 2- Adolescência como reação e rebeldia (percepção da contradição entre o ideal de autonomia e a continuação de sua dependência, imposta pela moratória).
- 3- Adolescência idealizada (a cultura idealiza a adolescência como se fosse um tempo feliz e o adolescente se sente na obrigação de sê-lo).

Todas essas características impostas à adolescência levam-no a se perguntar sobre o que os adultos esperam dele. Expõe: CALLIGARIS (2000, p.27):

"Em geral, o adolescente é ótimo intérprete do desejo dos adultos. Mas o próprio sucesso de suas interpretações produz fatalmente o desencontro entre adultos e adolescentes. Pois se estabelece um fantástico quíproquó: o adolescente acaba eventualmente atuando, realizando um ideal que é mesmo algum desejo reprimido pelo adulto por acaso. Se reprimiu, foi porque queria esquecer-lo. Por consequência, o adulto só pode negar a

paternidade desse desejo e se aproveitar da situação para reprimi-lo ainda mais no adolescente."

Para ser reconhecido como adulto, o adolescente apresenta uma gama de comportamentos que vai desde o cinismo criminoso até a piedade mais solidária. Por isso, não há como elaborar uma lista, mesmo sucinta, de comportamentos e estilos pelos quais os adolescentes pedem sua admissão à sociedade adulta.

"O fato é que a adolescência é uma interpretação de sonhos adultos, produzida por uma moratória que força o adolescente a tentar descobrir o que os adultos querem dele. O adolescente pode encontrar e construir respostas muito diferentes a essa investigação. As condutas adolescentes, em suma, são tão variadas quanto os sonhos e os desejos dos adultos. Por isso elas parecem (e talvez sejam) todas transgressoras. No mínimo transgridem a vontade explícita dos adultos" (CALLIGARIS, 2000, p.33).

Muitas vezes, para serem reconhecidos, os adolescentes transgridem, e os adultos, para reconhecê-los, constroem visões da adolescência. De acordo com CALLIGARIS (2000), essas visões, embora extremas, são também as linhas segundo as quais se organiza o comportamento dos adolescentes em sua procura de reconhecimento. Dentre as visões presentes no imaginário do adulto, o autor destaca as seguintes: 1) adolescente gregário; 2) delinqüente; 3) toxicômano; 4) que se enfeia; 5) barulhento.

No que se refere ao adolescente gregário, CALLIGARIS (2000) argumenta que os jovens procuram fazer parte de grupos sociais nos quais eles podem mutuamente se reconhecer como pares e dos quais os adultos são excluídos.

"Recusado como par pela comunidade dos adultos, indignado pela moratória que lhe é imposta e acuado pela indefinição dos requisitos para terminá-la (a famosa e enigmática maturidade), o adolescente se afasta dos adultos e cria, inventa e integra microssociedades que vão desde o grupo de amigos até o grupo de estilo, até a gangue" (CALLIGARIS, 2000, p. 36).

Segundo CALLIGARIS (2000), o grupo de adolescentes, seja um grupo de amigos ou uma gangue, aparece como uma patologia aos olhos dos adultos. Os comportamentos dos jovens muitas vezes são vistos como anormais e perigosos. De fato, a constituição do grupo adolescente é, do ponto de vista do adulto, uma transgressão.

No que diz respeito ao comportamento delinqüente

do adolescente, CALLIGARIS (2000) ressalta que geralmente a sociedade dos adultos rejeita os apelos dos jovens para que estes sejam admitidos no mundo adulto.

"Ora, quando um pedido não encontra uma palavra que no mínimo reconheça sua relevância, normalmente seu autor levanta a voz. Numa progressão linear, grita, quebra vidros e pratos, coloca fogo na casa e pode até se matar para ser levado a sério. Ou seja, ele tenta impor pela força, ou mesmo pela violência o que aparentemente não é ouvido" (CALLIGARIS, 2000, p.39).

De acordo com o autor, a rebeldia parece ser um dos caminhos que o próprio adulto aponta para o adolescente. Assim, para obter algum reconhecimento, o adolescente procura alguns caminhos: fazer grupo e fazer estardalhaço, ou "besteiras", ou seja, ele se associa para transgredir o que lhe é imposto como correto.

Quanto à visão como toxicômanos, CALLIGARIS (2000) explica que os adolescentes de hoje são os descendentes de uma geração que vinculou o uso das drogas com os sonhos de liberação e revolução (pessoal, sexual, social etc.). Contudo não é esse a único motivo pelo qual as drogas seduzem os adolescentes. Existem inúmeras razões para os jovens recorrerem às drogas.

"Sensível à injustiça da moratória, o adolescente descobre que, em matéria de drogas ditas legais (álcool e tabaco), há em princípio uma separação de pesos e medidas entre adultos e adolescentes. A interdição seletiva dessas drogas aos adolescentes é vivida como parte do processo de sua infantilização, uma vez que cigarro e álcool são liberados para os adultos" (CALLIGARIS, 2000, p. 45.)

O receio dos adultos em relação às drogas refere-se aos riscos de saúde e ao perigo de o adolescente ter que encarar as conseqüências penais do uso de drogas ilícitas. Um outro medo, não assumido pelos adultos, é que os jovens possam encontrar nas drogas a satisfação dos seus desejos.

"(...) É uma estratégia parecida com a dos que naufragam de propósito na rota de um transatlântico, para – uma vez recolhidos – viajar de graça na primeira classe. Ou seja, é uma estratégia que força o reconhecimento do adulto" (CALLIGARIS, 2000, p. 49).

No que diz respeito ao adolescente que se enfeia, o autor argumenta que geralmente os jovens inventam um padrão estético interno a ele, pelo qual os membros se diferenciam e se reconhecem entre si. Quase sempre, por trás desse padrão estético, aparece o desejo de desafiar a aprovação dos adultos e deles próprios.

Vale ressaltar, contudo, que o padrão estético do adolescente também pode estar representando uma recusa da sexualidade, uma forma de criticar o sistema social ou uma maneira de se proteger de um olhar que não poderia achá-lo desejável.

"Na verdade, a feiúra é também um espécie de exibicionismo escancarado, a proposta de um erotismo fora da norma, a promessa de uma armadilha sexual que não se preocupa em passar pelos ícones socialmente aceitos da desejabilidade" (CALLIGARIS, 2000, p. 51).

Por fim, no que se refere à visão dos adolescentes como seres barulhentos que idolatram seus ídolos, CALLIGARIS (2000) argumenta que a idolatria não é um comportamento específico do adolescente, pois o adulto também tem seus ídolos.

O que incomoda os adultos é o fato de que o adolescente vive com uma trilha sonora permanente, que nem sempre é tolerada pelos membros de sua família ou pelos vizinhos. Nas palavras do autor, *"essa escuta constante comporta sua parte de provocação. O adolescente oscila entre estourar as caixas de som e viver com fone de ouvido. O recado é claro: ou te ensurdeço ou não te ouço"* (CALLIGARIS, 2000, p. 52).

Por mais que os adultos protestem, muitas vezes o que se percebe é que eles também acabam se comportando da mesma forma quando ligam seus aparelhos de som no volume mais alto para comunicar suas emoções (às pessoas da família, aos vizinhos, ou qualquer outra pessoa).

Complementando a visão de CALLIGARIS (2000), ABERASTURY e KNOBEL (1981) argumentam que, para compreendermos os comportamentos dos jovens, é preciso estudar a adolescência com sua bagagem individualizante, mas sem perder de vista o ambiente sócio-cultural no qual esses adolescentes vivem. Assim, por exemplo, de acordo com SALLES (1998), embora as mudanças físicas sejam universais, as conseqüências de tais mudanças sobre o autoconceito do adolescente dependerão do grupo no qual ele está inserido, bem como da cultura e da sociedade em que vive, que tem formas diferentes de lidar com a puberdade.

Para PFROMM NETTO (1976), a adolescência pode ser definida a partir de diferentes critérios:

Critério cronológico: adolescência é um período da vida humana que se estende dos 10-12 anos aos 20-21, aproximadamente. Subdivide-se em pré-adolescência (10-12 anos), adolescência inicial (13-16 anos) e adolescência final (17-21 anos):

- Critério do desenvolvimento físico: Etapa da vida compreendida entre a puberdade e a idade viril; período de transição durante o qual o jovem ou a jovem se tornam adultos. Começa a primeira manifestação da puberdade e

termina no momento em que o desenvolvimento físico está quase concluído, por volta dos vinte anos.

- Critério sociológico: Período da vida de uma pessoa durante o qual a sociedade em que vive deixa de encará-la como criança e não lhe confere plenamente o "status", papéis e funções adultos.

- Critério psicológico: Período de extensa reorganização da personalidade, que resulta de mudanças no "status" bio-social entre a infância e idade adulta. Ou, ainda, período de reorganização de estruturas psíquicas previamente estabelecidas, que reflete o desenvolvimento anterior, assim com as novas mudanças maturacionais.

Segundo TIBA (1986), "adolescer" é uma palavra que vem do latim, significando crescer, engrossar, tornar-se maior, atingir a maioridade. Adolescência é uma etapa exclusiva do ser humano, o qual sofre modificações no seu processo vital, do nascimento à morte. O início dela é demarcado nitidamente pela puberdade, que é "um conjunto de transformações psicofisiológicas ligadas à maturação sexual, que traduzem a passagem progressiva da infância à adolescência". O fim não é tão nitidamente demarcado porque, além da característica filogenética, interfere a ontogenética (bagagem psicológica adquirida do seu meio ambiente). Assim, apesar do indivíduo poder ser filogeneticamente adulto, ontogeneticamente pode não ter desenvolvido sua maturidade psicossocial.

"Adolescente é um ser humano em crescimento, em evolução para atingir a maturidade biopsicossocial. É nesta fase que ele tem mais necessidade de pôr em prática a sua criatividade. Para ser criativo, precisa ser espontâneo. Para ser espontâneo, precisa tomar conhecimento de si mesmo, de seus potenciais, dos seus próprios sentimentos, das suas dificuldades, enfim, objetivar a si mesmo. É também nesta fase que ele tem mais necessidade de se relacionar com outras pessoas, promover encontros, produtos de relações téticas. Isto é possível, a medida que diminuem as relações transferenciais. Assim, além de objetivar-se, ele objetiva o outro" (TIBA, 1986, p.38).

De acordo com o autor, a partir da puberdade, o equilíbrio interno entre sua mente, o seu corpo e sua percepção de ambiente se modificam. A mais nítida modificação se dá na área do corpo, onde surgem características sexuais secundárias e a força física também se duplica, sendo essas modificações sempre percebidas. Na área da mente, a maior modificação ocorre no nível do pensamento, quando a lógica concreta dos objetos é substituída pelas operações com proposições verbais ou simbólicas, portanto abstratas. Isso muitas vezes os pais e

até os próprios adolescentes não percebem, simplesmente começam a estranhar situações que antes para eles eram engraçadas passam a ser chatas, e assim por diante. Com relação à percepção do ambiente que o cerca, o adolescente passa a se relacionar diferentemente com ele.

“Com todas essas modificações que ocorrem simultaneamente, o adolescente percebe os pais de forma diferente dos pais internalizados. Questiona poderes, normas da casa, tenta escolher seu próprio caminho, estabelece vínculos com pessoas que são do seu interesse e não mais aceita, pura e simplesmente, o que os seus pais julgam ser o melhor. Nem sempre os pais aceitam todas essas modificações porque aceitá-las significaria perder o seu poder de participar intensamente da vida dos seus filhos. Aceitar o crescimento dos filhos é reconhecer o seu próprio envelhecimento. Quando há confusão dos papéis de pais e de autoridade, perder o poder sobre os filhos pode representar uma desvalia no seu papel de pais” (TIBA, 1986, p.39).

TIBA (1986) diz que quanto menos o adolescente foi respeitado na infância mais necessidade ele terá do seu espaço vital, de um lugar protetor, onde ele poderá se organizar, já que está em plena desorganização, sendo que a presença física de alguém no seu quarto pode fazer com que ele se sinta invadido e, portanto, mal. Para o autor, o adolescente está em franca evolução na procura ativa de sua própria identidade, passando por situações com períodos críticos; são crises que podem ser avaliadas quanto à intensidade de sofrimento, à durabilidade e quanto ao espaço ocupado pelo adolescente. O adolescente tem uma força e necessidade muito grande de autonomia, pois está se preparando para ser adulto; essa autonomia representa a preservação de sua individualidade. Quanto à autoridade, o adolescente busca lutar contra isso.

“Na antidependência a negação tem o significado de não se submeter ao autoritarismo. A negação não representa a vontade de não fazer, mas significa que os pais “não mandam mais neles” (TIBA, 1986, p.53).

Outro aspecto que muda durante a adolescência, na concepção de TIBA (1986), são as exigências do melhor amigo, que tem características de escolha afetiva. Dessa forma, o melhor amigo é tido como um ego-auxiliar. *“Quanto melhor psiquicamente estiver o adolescente, mais facilidade ele terá para manter e ser o melhor amigo e simultaneamente ter a sua turma” (TIBA, 1986, p.57).*

A turma tem grande importância na adolescência, pois os adolescentes se sentem entre pessoas que estão no mesmo momento existencial, que fazem coisas em comum entre

eles, se reconhecem pelas roupas, palavras e atos, trocam experiências, têm suas regras seus códigos, onde todos têm forças iguais, perdendo sua individualidade e colocando seus problemas a todos, assim ele realizam coisas que sozinhos talvez não fossem capazes de realizar.

Segundo OUTEIRAL (1994), adolescência e puberdade são termos diferentes, mas que estão diretamente relacionados.

“Puberdade é um processo biológico que inicia em nosso meio, entre nove e quatorze anos aproximadamente e se caracteriza pelo surgimento de uma atividade hormonal que desencadeia os chamados “caracteres sexuais secundários”(p.5).

“A adolescência é basicamente um fenômeno psicológico e social”(p.5).

A adolescência tem diferenças próprias, conforme o ambiente social, econômico e cultural em que o adolescente se desenvolve. Dependendo do ambiente, a criança pode “adolescer” mais cedo.

OUTEIRAL (1994) diz que uma das questões primordiais na adolescência são as modificações corporais e conseqüentemente de seu ego por que o adolescente obrigatoriamente passa. Com uma mente ainda de criança, perde seu corpo infantil, transformando-se em adulto; ele teme, pois, o que idealizava ser adulto é bem diferente, buscando um refúgio regressivo em seu mundo interno (fantasias, devaneios e sonhos).

“O corpo, nesse momento, assume um importante papel na aceitação ou rejeição por parte da “turma”. O adolescente começa a perceber que seu corpo não corresponde à idealização que havia feito de como seria como adulto e, via de regra, é, através da identificação e comparação com os outros, que ele começa a ter uma idéia concreta de seu esquema corporal. Isso determina, ocasionalmente, situações ou momentos de afastamento ou isolamento social” (OUTEIRAL, 1994, p.12).

Para OUTEIRAL (1994), quando o adolescente prefere usar roupas que não mostram a diferença de sexo, este pode estar rejeitando a perda da bissexualidade infantil. As roupas velhas e sujas que o adolescente relutam em trocar pelas novas podem representar as dificuldades de enfrentar as mudanças corporais. Enfim, a relação do adolescente com seu corpo, é um dos sinais de integralidade e normalidade de seu ego. O autor também fala do adolescente em relação a família. Segundo o mesmo de todos os mamíferos existentes, nós seres humanos, somos os mais imaturos e dependentes, e nunca atingimos a independência totalmente. O adolescente tem como tarefa

central a independização. Isso não significa fazer uma ruptura com a família, mas sim as transformações de vínculos infantis por vínculos mais maduros, mais independentes e mais adultos, sendo esse processo muito doloroso para os pais (os quais os adolescentes desvalorizam, para sentirem-se afastados sem perder muito) e para os próprios adolescentes (porque, na verdade erram muitas vezes, como todo ser humano).

"O gesto agressivo na adolescência deve ser entendido, muitas vezes, como a comunicação de uma necessidade, de uma busca de contato, da busca de se assegurar de que existe alguém que o compreende e pode suportá-lo, de testar o quanto o outro gosta efetivamente dele" (OUTEIRAL, 1994, p.65).

Apesar de doloroso, tal processo é fundamental. E mais importante ainda é que os pais aceitem compreensivamente essa postura do adolescente, sem perder de vista a colocação de limites, pois limite não é uma palavra com sentido de repressão; muito além disso "significa a criação de um espaço protegido dentro do qual o adolescente poderá exercer sua espontaneidade e sua criatividade sem receio e riscos" (p.34). Segundo OUTEIRAL (1994), os adolescentes "pedem limites", pois isso os ajuda a organizar a sua mente e muitas vezes os adultos não dão por comodidade ou até mesmo em função de problemas de repressão deles com seus pais.

"A adolescência, na nossa cultura, é assim: desperta variados sentimentos, entre eles a inveja". (p.17)

Por isso, não é incomum vermos o pai (o mesmo poderá ocorrer com a mãe, irmão, etc.) "adolescente" passar a vestir-se como o filho, usando jeans, camiseta, tênis. Algo que não lhe era comum até então), começar a fazer exercícios físicos sob pretexto de prevenção de doenças (embora já soubesse da necessidade disso há muito tempo...) e querer sair, "ter liberdade"... Acreditamos assim que muitas crises conjugais e as assim chamadas "crises de meia-idade" devem-se ao surgimento de um filho adolescente no grupo familiar". (p.17)

De acordo com OUTEIRAL (1994), uma das primeiras palavras que a criança aprende é "não". Falando isso, ele mostra à mãe que tem seus próprios desejos; por oposição, começa a descobrir que é independente da mãe. Essa posição aumenta na adolescência, quando o adolescente trata de definir sua identidade. Este mesmo autor cita Knobel, quando fala do normal e patológico na adolescência. Este descreve as características da adolescência normal através de uma série de manifestações

de conduta que constituem a síndrome da adolescência normal. 1) busca de si mesmo e da identidade; 2) tendência grupal; 3) necessidade de intelectualizar e fantasiar; 4) crises religiosas; 5) deslocalização temporal; 5) evolução sexual manifesta; 6) atitude social reivindicadora; 7) contradições sucessivas em todas as manifestações da conduta; 8) separação progressiva dos pais; 9) constantes flutuações do humor.

Em relação à escola, OUTEIRAL (1994) sugere que os pais e adolescentes encontrem uma instituição que se aproxime deles. Não precisa reproduzir os mesmos valores familiares. Assim, o adolescente terá oportunidade de conhecer outros modelos identificadores e assim constituir sua identidade, que é uma das tarefas essenciais da adolescência; é nessa fase que ela se define. Como a própria palavra diz, a identidade se organiza por identificações, primeiramente com a mãe, com o pai, depois com outros elementos da família e, finalmente, com professores, amigos, ídolos e pessoas da sociedade em geral. Essa é uma experiência de identificações que se fundem, é um processo que se dá confusamente tanto nos adolescentes como naqueles com quem eles convivem.

Em relação à mente do adolescente, deve-se considerar o seu meio de expressão comunicacional.

"Os adolescentes têm dificuldades de expressar seus sentimentos em palavras e o fazem, de preferência através da ação atitudes. Só aos poucos vão se organizando mentalmente e podendo expressar num discurso verbal coerente seus sentimentos e idéias" (OUTEIRAL, 1994, p.66).

O jovem é capaz de aprender as dificuldades da sociedade, da micro-sociedade (família); isso faz dele uma pessoa crítica aguda, mordaz, irônica, sutil e, por vezes violento.

As mudanças físicas, cognitivas e psicológicas verificadas no adolescente influem no seu auto-conceito e nas suas preocupações. Dessa forma, a escola passa a ter para o adolescente um diferente daquele que ele tinha quando era criança.

1.1 - A adolescência na concepção dos adolescentes

A idéia de que os adolescentes são despreocupados com o futuro, são irresponsáveis, só querem viver a vida e desfrutar grande liberdade está não só na fala dos adultos como na dos próprios adolescentes.

Através de uma pesquisa realizada por SALLES (1998) com adolescentes em contextos, condição social, idade e escolas diferentes, com o objetivo de caracterizar a representação social dos alunos sobre a adolescência e entender como essa representação social pode integrar-se

nas relações cotidianas da escola, a autora constatou que há uma contradição revelada nas falas desses adolescentes sobre a adolescência. Por um lado, eles (adolescentes) refletem uma imagem onde o adolescente é aquele que só quer viver a vida, é despreocupado com o futuro, com o trabalho, com o estudo, mas, por outro lado, tem suas dúvidas e incertezas quanto ao seu próprio futuro.

"Eu acho que a adolescência de hoje está, de modo geral, muito desorganizada, muito desmiolada. Os adolescentes não estão pensando na vida. Eu acho que eles deveriam pensar mais no futuro, mais na vida deles. Não sei, no fundo eu acho que eles não querem nada com nada. Eles querem viver o presente e boa. Sem se preocupar com o futuro". Tânia (SALLES, 1998, p.129).

"Quero passar de ano, ir para a faculdade e me formar em engenheiro mecânico". Paulo (SALLES, 1998, p.129).

Segundo SALLES (1998), para os adolescentes brasileiros, são desejáveis no professor a qualidade didática, o conhecimento da matéria que leciona e o interesse pelos

alunos.

Os adolescentes, ao contrário do que muitos professores pensam, valorizam a escola, pois esta é vista como um meio de ascensão social. Os professores, por sua vez, são valorizados a partir do relacionamento que estabelecem com os alunos.

Em suma, a adolescência só pode ser compreendida num emaranhado de fatores de ordem individual, histórica e social, razão pela qual o desenvolvimento pessoal só pode ser compreendido na relação com o mundo.

II - Metodologia

2.1 - Sujeitos

Participaram como sujeitos da pesquisa 20 adolescentes estudantes do ensino médio, sendo 10 (dez) alunos de uma escola particular na cidade de Mandaguari-PR e 10 (dez) de uma escola pública na mesma cidade, selecionados segundo a disponibilidade dos mesmos para a realização da pesquisa.

Tabela 1: Dados dos sujeitos da amostra

SUJEITOS	SEXO	IDADE	ESCOLARIDADE	INSTITUIÇÃO
A	Masculino	17 anos	2º ano	Particular
B	Feminino	16 anos	2º ano	Particular
C	Masculino	15 anos	2º ano	Particular
D	Feminino	15 anos	1º ano	Particular
E	Feminino	15 anos	1º ano	Particular
F	Feminino	16 anos	2º ano	Particular
G	Masculino	17 anos	3º ano	Particular
H	Masculino	15 anos	1º ano	Particular
I	Masculino	15 anos	1º ano	Particular
J	Feminino	17 anos	3º ano	Particular
K	Masculino	16 anos	1º ano	Estadual
L	Masculino	17 anos	3º ano	Estadual
M	Masculino	17 anos	3º ano	Estadual
N	Masculino	17 anos	3º ano	Estadual
O	Feminino	18 anos	3º ano	Estadual
P	Feminino	17 anos	3º ano	Estadual
Q	Feminino	17 anos	2º ano	Estadual
R	Feminino	15 anos	1º ano	Estadual
S	Masculino	16 anos	2º ano	Estadual
T	Feminino	16 anos	2º ano	Estadual

2.2 – Instrumentos para coleta dos dados

Utilizamos como instrumento para a coleta de dados um roteiro para entrevista semi-estruturada, formado por perguntas relacionadas ao nosso objetivo, que nortearam o discurso dos entrevistados. Assim pudemos obter o máximo de informações sobre os mesmos.

A análise dos dados foi realizada segundo uma abordagem qualitativa, utilizando a técnica da análise de discurso.

2.3 - Procedimento para coleta e análise dos dados

Iniciamos este trabalho com um levantamento bibliográfico sobre as concepções de adolescência e sobre as representações sociais.

Num segundo momento, foi elaborado um roteiro com as questões a serem utilizadas durante as entrevistas com os adolescentes.

Em seguida, fomos até as escolas nas quais entrevistamos os adolescentes e entregamos uma carta com o pedido para realização de tal pesquisa. Após a autorização dos diretores, foram selecionados os alunos que fariam parte da amostra. Utilizamos como critério a disponibilidade dos adolescentes para a participação na pesquisa e o fato de os mesmos estarem matriculados no ensino médio.

A realização das entrevistas se deu nas escolas dos entrevistados, pois seria mais cômodo tanto para os entrevistados como para a pesquisadora. As entrevistas foram transcritas e digitadas literalmente e, em seguida, foram analisadas.

III - Resultados e Discussão

Através dos dados coletados, pudemos fazer uma investigação da adolescência, utilizando, para isso, seis categorias de análise: a) concepção de adolescência; b) dificuldades do adolescente; c) preocupação do adolescente; d) influência dos amigos; e) influência da família; f) importância da escola. A partir dessas categorias, analisamos as falas dos adolescentes, sendo possível compreender melhor como os mesmos se percebem.

3.1 - Concepção de adolescência

Nas entrevistas, pôde-se perceber que o adolescente tem reconhecido que hoje a adolescência está muito liberal, pois todos fazem o que querem, a hora que querem. Há, assim, uma falta de limites, fazendo com que estes jovens se sintam sem bases ou modelos para serem seguidos.

“Sei lá. Eu acho assim que está bem adiantado.....sei lá.....está bem mais desenvolvido..é... Eu acho que está muito liberal...sei lá...eu sou capaz de fazer tudo”. (L, 16 anos)

“Eu vejo assim que..... eu acho assim que está muito liberal assim.....tem estragado muito a vida.....das pessoas assim.....tem passado as fases da vida, sem assim.....tem estragado muito as vidas das pessoas....que....as vezes você acha “ah, eu posso tudo! Eu sou adolescente mesmo!” eu vejo assim que tem perdido muitos princípios como pessoa.....valores morais.....só festa e boa”. (O, 18 anos)

“Ah! Vejo assim.....a adolescência assim mais adiantada do que.....como antes.....antigamente o povo da cidade era mais pacato....agora que está mais “atirado” acho que é isso aí”. (K, 16 anos)

Por outro lado, sentem que nessa fase da vida (adolescência) precisam ser responsáveis, pois estão quase sendo um adulto, portanto, devem se portar como adultos.

“...um período muito dez porque a gente não faz nada, os outros fazem tudo para gente, na realidade não, não, na realidade a adolescência é um período em que a gente precisa começar a ganhar responsabilidades”. (M, 17 anos)

“Eu vejo que esta cada vez mais difícil pro adolescente hoje....porque tem cada vez mais responsabilidades, começando cada vez mais cedo trabalhar, estudar, vestibular, faculdade.” (N, 17 anos)

“Pra mim ela é um período de formação do caráter.....da pessoa né...é um período onde você deixa de lado assimaquela coisa que você tem com o pai.....com mãe , pra formar a sua opinião. Não como a cabeça dos pais, mas com a sua. É um período que você tem que ter responsabilidades pelos seus atos , é um período em que você começa a ver de outro modos as coisas”.(D, 15 anos)

Como diz CALLIGARIS (2000), os adolescentes lidam com as dificuldades de crescer no quadro complicado da família moderna. O que antes era absurdo, hoje pode não ser mais, e o jovem tem se confundido diante da cobrança, pois alguns pais continuam no tradicionalismo e outros acompanham o mundo moderno, dando ao adolescente “certa liberdade”.

De acordo com OUTEIRAL (1994), é necessário que os pais aceitem compreensivamente algumas posturas do

adolescente frente à tanta mudança, sem perder de vista a colocação de limites, pois limite, não é uma palavra com sentido de repressão. Ao contrário, por meio dos limites os adolescentes sentem que possuem um espaço protegido dentro do qual poderão exercer sua espontaneidade e sua criatividade, sem receio e riscos. Os adolescentes "pedem limites", pois isso os ajuda a organizar a sua mente e muitas vezes os adultos não dão por comodidade ou até mesmo em função de problemas de repressão deles com seus pais.

3.2 - Dificuldades do adolescente

Percebeu-se que o adolescente tem dificuldade em fazer o seu papel, pois, por um lado, é visto como criança e, por outro, ele precisa ser adulto. Observou-se também que os adolescentes sentem-se incompreendidos pela sociedade.

"Ah! O preconceito. Porque você está crescendo né...está...começando...sua cabeça está começando a mudar..as idéias...tudo...e sei lá.....as vezes, muitas pessoas não compreendem isso". (S, 16 anos)

"Hum.....é que assim.....adolescência, tem muita gente que trata você como criança. Tem muita gente que trata você adulto. Entendeu? Não tem um meio termo. Ou você é criança ou é adulto. Eu, pra mim, acho que é a maior dificuldade . também penso que as pessoas não entendem a fase que estamos passando...a mudança, eu acho que é isso". (E, 15 anos)

"Dificuldade sei lá acho que assim de compreensão de compreender a gente...". (C, 15 anos)

Muitas vezes o adolescente reage como criança e importante que sejam compreendidos. Para TIBA (1986), o adolescente está em total desenvolvimento, procurando sua própria identidade, passando por situações com períodos críticos. Tem uma força e necessidade muito grande de autonomia, pois está se preparando para ser adulto; essa autonomia representa a preservação de sua individualidade.

3.3 - Preocupação do adolescente

Percebeu-se que o jovem se diz preocupado com seu futuro, em ser alguém na vida, ter uma profissão e se inserir no mercado de trabalho, ter uma família, etc. Observou-se que estes jovens estão apreensivos com a situação do mercado de trabalho e, no momento, têm se preocupado bastante em futuramente conseguir um emprego.

"Preocupação?!... Acho que mais pelo lado

profissional assim.....nas questões....o que eu vou estudar? por exemplo, eu não sei ainda, eu não decidi que faculdade eu quero fazer. Por esse problema mesmo. Eu tenho medo.....no que é que eu vou conseguir arrumar emprego depois....acho a situação bem complicada". (K, 16 anos)

"Eu tenho. Eu tenho uma preocupação assim de não conseguir me realizar....assim.....porque eu espero...eu espero.....daqui a alguns anos eu me formar numa faculdade..ter meu emprego, minha família.....e então a minha preocupação é com o futuro, em termos assim financeiros". (P, 17 anos)

"Ah! Tenho assim preocupação em me formar e depois não conseguir um emprego.....tem muitos casos ai.....médicos....não consegue emprego.....se forma....depois.... consegue emprego assim que.... não é grande coisa". (A, 17 anos)

Ao, ao mesmo tempo que se preocupam, dizem que os seus amigos nem sempre se interessam pelo futuro e, quando se preocupam não fazem muito para alcançar os seus objetivos; às vezes, preferem nem falar do futuro no momento.

"Eles se preocupam, mas, assim, em termos. Eles se preocupam mas, agora, nessa fase, eles assim.....falam assim "Ah! Deixa.mas na frente eu penso nisso!" mas se preocupam sim , eu acho". (F, 16 anos)

"Nós conversamos bastante assim "ah! O que você vai querer ser quando você terminar,tal?" a gente fica fazendo planos "vou fazer faculdade de não sei o que.....tal". (E, 15 anos)

"Alguns sim, outros não. Tem uns que falam daquele tipo sabe "ah....tem que curtir a vida....não sei o que...." já poucos que falam "vamos estudar...." colegas que chamam pra estudar mesmo assim, são poucos, o resto só quer... "ah, vamos sair beber..."só se divertir só." (N, 17 anos)

Segundo SALLES (1998), a sociedade tem visto, compreendido e se relacionado com o adolescente de forma distorcida, pois os meios de comunicação, pesquisas e teorias que abordam essa faixa etária têm disseminado a idéia de adolescência. A idéia que se tem do adolescente despreocupado com tudo não é real; pode-se ver a individualidade de cada um nas falas acima, mostrando assim que o adolescente, ao contrário do que muitos pensam, tem as suas inquietações.

3.4 - Influência dos amigos

Para os adolescentes fazerem amizades, é algo de muito valor, pois eles procuram alguém que os entenda, que lhes faça companhia, os ouça e lhes diga a verdade. Percebeu-se isso quando perguntou aos adolescentes do que mais gostavam no ambiente escolar e a maioria respondeu que são os amigos. Segundo TIBA (1986), as exigências do melhor amigo tem características de escolha afetiva, pois o melhor amigo é ele se tem como egos-auxiliares.

Para TIBA (1986), a turma tem grande importância na adolescência, pois ali os adolescentes se sentem entre pessoas que estão no mesmo momento existencial, que fazem coisas em comum entre si, se reconhecem pelas roupas, palavras e atos, trocam experiências, têm suas regras, seus códigos; todos têm forças iguais, perdendo sua individualidade e colocando seus problemas a todos. Assim, eles realizam coisas que sozinhos talvez não fossem capazes de realizar.

"Eu acho assim que a sinceridade em primeiro lugar, porque é horrível você ser amiga de pessoas que assim....com duas caras. Eu acho que a sinceridade seria a primeira coisa que eu olharia. Você vê assim e.....sabe "esse....posso ser amiga, posso confiar"....acho que é isso." (B, 16 anos)
"Pessoa sincera, amiga, companheira, que esteja com você em todos os momentos mesmo.....na hora da dificuldades, nas horas boas....uma pessoa que te compreende, que te de bons conselhos.....e que suas idéias, batam com as deles assim.....com o mesmo modo de pensar." (E, 15 anos)

3.5 - Influência da família

Em relação à família percebeu-se que é essencial para que os jovens se sintam felizes, pois sentem-se bem quando têm os pais que os escutam e os compreendem.

Para OUTEIRAL (1994), o adolescente tem como tarefa central realizar a independização. Isso não significa fazer uma ruptura com a família, mas sim uma transformação de vínculos infantis por vínculos mais maduros, mais independentes e mais adultos, sendo esse processo muito doloroso para os pais (os quais os adolescentes desvalorizam, para sentirem-se afastados sem perder muito) e para os próprios adolescentes (porque, na verdade, erram muitas vezes, como todo ser humano).

"Hoje meu relacionamento com meus pais é muito legal. Eu já tive tempo assim de não poder nem olhar um pra cara do outro. Mas

hoje é muito legal. Houve uma restauração no relacionamento. Eu sempre esperei eles sentarem e conversarem comigo e conversar "como você está?" Sempre esperei isso deles eu não tinha, então me revoltei mas hoje eu parei, analisei, e vi que não é por aí. Eu não tenho ainda um relacionamento de chegar e sentar, de eles chegarem e conversarem comigo "e daí como foi o seu dia?" não tenho. Mas, é assim legal. As vezes, eu posso falar, alguma coisa assim que eu sei que eles vão ouvir, não que eles não vão dar opinião, eles podem não aceitar o que eu estou a fim de fazer, mas é legal, legal mesmo." (O, 18 anos)
"Nosso relacionamento é até bom. É caro que de vez em quando há um desentendimento, mas, de um modo geral, é excelente, existe diálogo assim, de vez em quando alguma coisa assim que eu não gosto, eu falo, sei lá, a gente procura se entender, lógico que nem sempre a gente se entende né, mas, na maioria das vezes sim." (S, 16 anos)

"Com meus pais o relacionamento é razoável. É de fases. Acho que não tem adolescente que não vive em conflito com pai e mãe. Eles não são ruins, tão enérgicos assim comigo, mas, tem coisas assim que eu tenho vergonha de conversar com a minha mãe. Eu prefiro conversar com minha tia ou com uma colega, porque eu não me sinto muito íntima deles. Mas assim, entre trancos e barrancos a gente está bem." (P, 17 anos)

3.6 - Importância da escola

A escola para os adolescentes tem um significado importante, eles reconhecem a sua importância e a, consideram, um local de futuro para todos.

"Ai pra mim, eu acho assim totalmente interessante. Até mesmo assim quando os adolescentes estão em dificuldades em algumas matérias assim e tal. A escola é como um "empurrão" pra sua vida, porque é bem lá na frente que você vai se lembrar de tudo que você está aprendendo hoje você pode fazer o melhor". (R, 15 anos)

"Ah! Importantíssima. Importantíssima porque eu sei que tenho por isso, é um caminho, é um obstáculo que você tem que passar e eu sei que sem passar por isso, eu não sou nada

depois". (B, 16 anos)

Por outro lado, muitos acham complicado ter que estudar nessa fase da vida, onde o que eles querem mesmo é paquerar, se divertir, curtir a vida. Falam também que na escola são cobrados como adultos, mas tratados como crianças; há castigo e outras atitudes que fazem deles pessoas totalmente infantis.

"A escola? Bom a escola eu acho que na adolescência assim é meio difícil você "levar" a escola porque você não leva as coisas muito a sério então sei lá e a escola cobra muito de você e você está numa fase assim que não está levando nada a sério só brincar e tal eu acho que é isso". (F, 16 anos)

"A escola hoje, sei lá o método de ensino é assim um pouco ultrapassado tipo assim a escola prega que a gente tem que estudar, seguir as normas segundo grau poxa! A gente deveria ser tratado um pouquinho mais como adulto, eles tratam a gente como se a gente estivesse no ginásio no primário chamando pai, mãe pra assinar boletins eu acho que o ensino é fundamental com certeza sem o estudo a gente não é nada, mas eu acho que o que devia ser mudado é a maneira de ser passado isso pra gente". (P, 17 anos)

"A escola, eu acho que, tipo assim, esse negócio de não dá mais pro professor chegar na sala de aula e falar como se estivesse falando com criança, eu vejo o professor de português falando com a gente, como se a gente estivesse no primário!

Tinha que mudar esse negócio pra uma cabeça mais madura, os próprios alunos mesmo, se comportam como crianças. Eles não querem ser chamados de crianças, jamais, principalmente as meninas que são normais, mas assim, a escola tem muita influência, tanto na convivência com os próprios alunos que com o professor". (Q, 17 anos)

OUTEIRAL (1994) sugere que os pais e adolescentes encontrem uma instituição que se aproxime deles, porém não precisa reproduzir os mesmos valores familiares. Assim, o adolescente terá oportunidade de conhecer outros modelos identificadores e constituir sua identidade. Como a própria palavra diz, a identidade se organiza por identificações, primeiramente com a mãe, com o pai, depois com outros elementos da família e, finalmente, com professores, amigos, ídolos e pessoas da sociedade em geral. Essa é uma experiência de identificações que se fundem, é um processo que se dá confusamente, tanto nos

adolescentes como naqueles com que eles convivem.

IV - Considerações Finais

Ao realizar este estudo, foi possível obter uma visão global do adolescente, conhecendo assim suas dificuldades, dúvidas, enfim, as várias mudanças que nele ocorrem adolescência é uma fase, onde acontecem muitas mudanças físicas e psicológicas, que acabam por influenciar os comportamentos dos jovens. O adolescente começa amadurecer, o que seria inevitável, pois um dia todos passam por isso. Ao passar por essas mudanças, sentem-se incompreendidos pela sociedade, tendo dificuldade em fazer o seu papel.

Percebeu-se também que, ao contrário do que muitos pensam, os adolescentes sentem necessidade de conversar e se abrir com os pais, que muitas vezes não dão oportunidade para que isso aconteça.

Em relação à escola, parecem alheios, mas através das entrevistas pôde-se perceber que há neles traços de individualidade, demonstrando sua maneira de ser, de comportar-se, suas preocupações, sonhos, receios, podendo-se, assim, melhor compreendê-los. É nessa etapa da vida que o adolescente começa a construir seu estilo de vida baseado nos modelos identificatórios e valores, buscando sua identidade e autonomia.

Com isso, entende-se que a adolescência só pode ser compreendida a partir de um emaranhado de fatores de ordem individual, histórica e social, razão pela qual o desenvolvimento pessoal só pode ser compreendido na relação com o mundo. É fundamental conceber o adolescente como uma totalidade, como uma pessoa inserida em um contexto histórico-social, determinado pelas relações sociais.

Este trabalho contribuiu de várias formas para o nosso desenvolvimento pessoal e profissional, como também para um maior entendimento do tema em questão, que é gerador de muita discussão.

Acredita-se que as idéias apresentadas neste trabalho venham a ser lidas, entendidas, discutidas por pessoas interessadas ou curiosas no assunto, respondendo dúvidas e questões diárias, fazendo com que essas pessoas entendam e saibam lidar com os adolescentes.

Referências

- ABERASTURY, A. ; KNOBEL, M. *Adolescência normal*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1981.
- CALLIGARIS, C. *A adolescência*. São Paulo: Piblifolha, 2000.
- CHIZZOTTI, A. *Pesquisa em ciências humanas e sociais*. São Paulo: Cortez Editora, 1991.
- GIL, A.C. *Métodos e técnicas de pesquisa Social*. São Paulo: Atlas, 1995.
- GUARESCHI, P. A. *Representações Sociais*: Lu Strey, M. N., 1999.
- OUTEIRAL, José Ottoni *Adolescer: Estudos sobre a adolescência*. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1994.
- PFROMM NETO, s. *Psicologia da adolescência*. São Paulo: Pioneira, 1976.
- SALLES, L. M. F. *Adolescência, escola e cotidiano: contradições entre o genérico e o particular*. Piracicaba: Editora UNIMEP, 1998.
- TIBA, Içami *Puberdade e adolescência: Desenvolvimento biopsicossocial*. São Paulo: Ágora, 1986.